REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

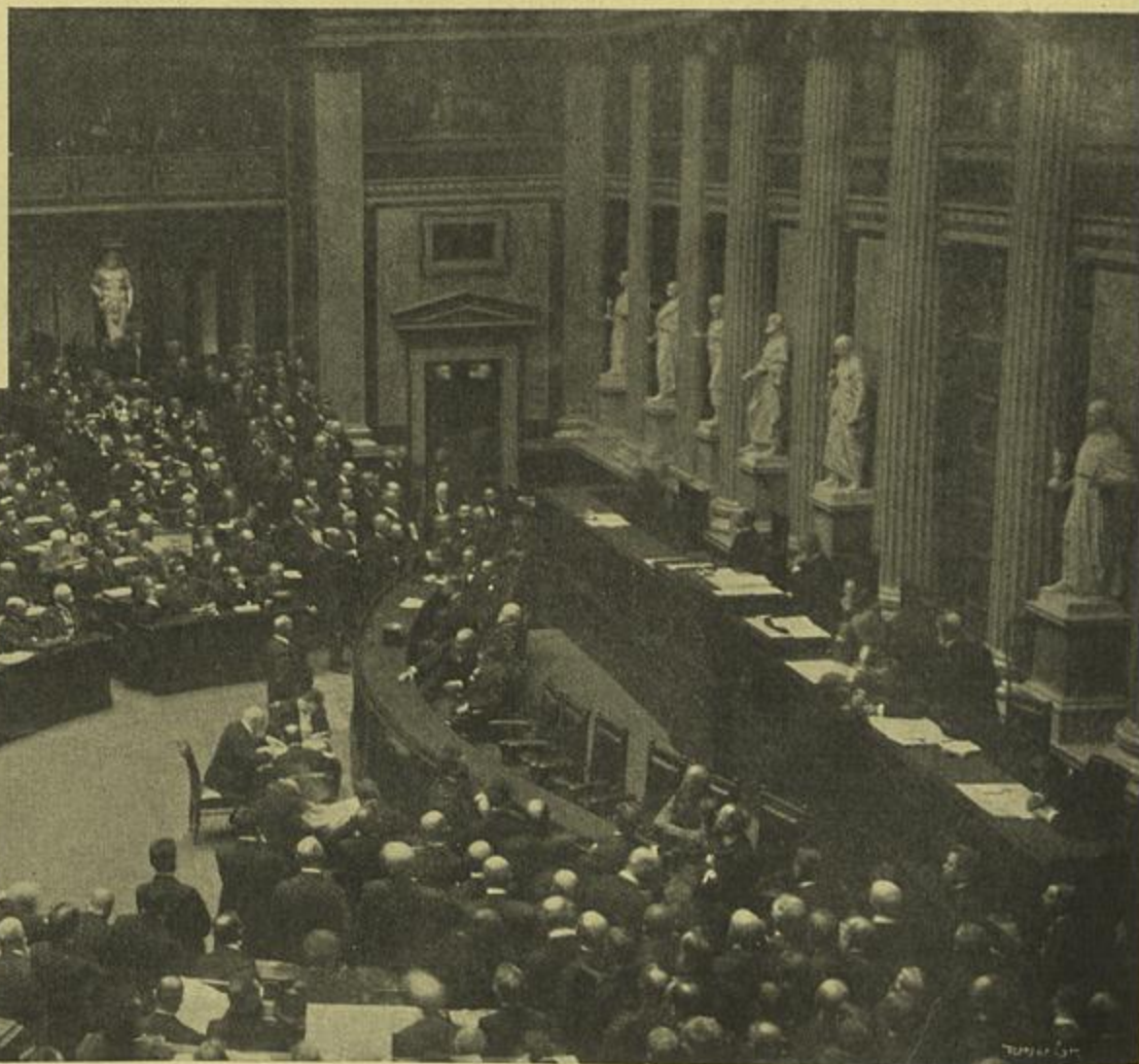
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1028

20 DE JULHO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

VIII Congresso Internacional de Agricultura em Vienna de Austria

D. LUIS DE CASTRO
Representante de Portugal no Congresso

A SESSÃO INAUGURAL DO CONGRESSO NA SALA DO PARLAMENTO DE VIENNA DE AUSTRIA

(Fotografia de Carl Seebald, de Vienna)

Chronica Occidental

Estamos em julho, e por mais que a gente respigue... Elle ha um assumpto, que é justamente o não ter assumpto. Mas cahiu n'uma banalidade intoleravel.

Os que sabem haver-se com juizo teem uma collecçãosinha de anecdotas para estes casos graves, assim como uma boa dona de casa costuma guardar na dispensa uns chouriços e umas latas de conserva para um convite inesperado do marido. Mas impingir a historia nem sempre é facil. D'um prégador sei eu que só um sermão sobre a confissão estudou em toda a vida. Ora tratava-se de S. José. E elle começou: «Como todos sabem S. José era carpinteiro, e como tal fazia bancos, mesas, portas, confessionarios... Ora a proposito de confessionarios...» E zás! o sermão!

Não é que o mez tenha sido tão esteril como isso; mas é que eu não queria falar em politica, e já vejo que não ha outro remedio. Por todo o mundo é assim n'esta occasião e não vemos remedio senão conformarmo-nos.

Até de guerra se falou muito possivel entre o Japão e os Estados Unidos, mas nos ultimos telegrammas as maduras são mais que as verdes, e ainda bem.

Pelo que diz respeito á politica portugueza a mais verde de todas foi-lhe fornecida pelo sr. dr. Abel de Mattos e Abreu, juiz da primeira vara no Tribunal do Commercio, que nos seus considerandos diz que «o decreto de 29 de maio ultimo, emanado do poder executivo, não tem força de lei, visto ser de exclusiva attribuição das côrtes, com a sancção do Rei, conforme o preceituado no § 6.º do art. 15.º da Carta Constitucional fazer leis, interpretal-as e revogal-as, observando as formalidades prescriptas nos arts. 45.º e 62.º e outros da mesma Carta.» E, citando varias auctoridades, para negar fóros de lei aos decretos de dictadura, não esquece de entre os jurisconsultos os nomes dos srs. conselheiros Fernando Martins de Carvalho, Teixeira de Abreu e Antonio Pinto de Mesquita.

Espera-se anciosamente a decisão do Supremo Tribunal de Justiça, que, convocado por um decreto, dictatorial como aquelle que se discute, tem que julgar os recursos interpostos.

Falâmos da mais verde, falemos tambem da mais madura. Foram amnistiados os sete estudantes expulsos da Universidade de Coimbra. Deve estar satisfeito o sr. D. João de Alarcão. Muitas almas afflictas devem estar finalmente socegadas.

Diz-se que vai ser prohibida a manifestação que se projectava em honra do sr. dr. Bernardino Machado. Homens de todos os partidos politicos, não só os republicanos, entrariam com prazer n'essa homenagem e um dos homens verdadeiramente sympathicos do professorado portuguez. Antigo ministro da monarchia, sahiu do seu ministerio com immaculada fama; a bondade do seu coração popularisou-o em Coimbra. Mais d'uma vez, esta revista lhe mostrou quanto presa sua intelligencia e seu caracter. Parece que acharam a manifestação perigosa para a ordem publica. Seria; mas a idéa e o applauso que teve bastam para consular o ex-professor da Universidade de alguns desgostos que lhe acarretasse o haver seguido o que sua consciencia lhe indicava.

E fiquemos a falar de festas.

Já deve o *Africa* ter chegado a Loanda, conduzindo o Principe Real e o ministro da Marinha. De S. Thomé chegaram optimas noticias. Portuguezes e indigenas acclamaram muitissimo o Principe, que visitou as roças principaes da ilha, Rio do Oiro, Boa Entrada e Agua Izé, onde lhe foi lida uma saudação pelo administrador, general Faro, á qual, em nome do governo respondeu o ministro da Marinha, exaltando o que havia observado na colonia exemplar. O Principe mandou para Lisboa um telegramma agradecendo o acolhimento que em Agua Izé lhe foi feito.

Viaja pelas colonias o Principe Real, viaja El-Rei pelo continente, havendo assistido á inauguração d'um novo troço de caminho de ferro, o que sempre é signal de não ser tamanha a decadencia da nossa terra como querem lastimar agoirentas aves.

Quanto á viagem desde Lisboa ás Pedras Salgadas, com seus pormenores ou peripecias, cá estamos outra vez duvidosos do que se passou, conforme os jornaes que abrimos. A importancia dos factos, palmas por um lado, manifestações por outro contra a dictadura, tudo cresce ou baixa em valor, conforme quem o commenta.

Aquella historia do marido, que á mulher disse muito em segredo que tinha posto um ovo, continua a ter, apezar de muito velha, a mesma moralidade. Da bocca da visinha á bocca da visinha, ou de commentario de politico ao commentario de politico, tudo vem a dar na mesma.

Como se ha de fazer a historia para o futuro? Como arrancar um cristalzinho de verdade entre tamanhos e tão densos precipitados?

N'um d'esses exaggêros, a que aliás já nos vamos costumando, quasi se quiz fazer acreditar que a Rainha Senhora D. Amelia, fôra um dia d'estes victima d'um attentado, commettido por facinoras, quando em seu automovel passava para casa entre Cintra e Bellas. Mas não vai ninguem para Timor, graças a Deus. Os anarchistas eram duas criancinhas de cuecas, que nem dois açoites talvez merecem. As pedras que atiravam nem dois pardaes fariam fugir.

Os dramaturgos do futuro hão de ver-se doidos para apurar verdades, não por falta de documentos, que a imaginação pode supprir, mas, pelo contrario, por muitos documentos a mais. E ora aqui está uma comedia que seria curiosa de escrever: uma comedia feita agora, mas como poderia ser feita d'aqui a dois seculos em vista dos documentos que hão de chegar ás mãos dos nossos oitavos netos.

N'esse tempo já não se escrevem peças, naturalmente. Era aproveitar agora, emquanto o theatro não fallece de todo.

E' que pouca vida parece que vai tendo. O theatro da Avenida e o da Trindade já fecharam. Os animatographos é que pullulam por todos os cantos de Lisboa e arredores, dezoito ou vinte. O publico está querendo outro genero de divertimento.

O Paraizo de Lisboa abriu as suas portas e o publico mostrou-se satisfeito. São divertimentos faceis, ao ar livre. Dois theatrinhos com espectaculos variados e ligeiros, genero Folies Bergére, jogos, cafés, etc.

Não são tranquillisadores os boatos que correm a respeito do theatro de D. Maria, que, como se sabe, foi posto a concurso e adjudicado aos srs. Ferreira e D. João de Menezes. Segunda feira passada, terminava o praso para a assignatura de escriptura, mas pelos adjudicatarios foi pedida uma prorogação por mais alguns dias. Diz-se que o sr. D. João de Menezes sahirá talvez da sociedade. Outros boatos ainda correm, de que talvez na chronica futura possamos dar conta e dizer se tiveram confirmação.

Mas ainda estamos em julho e d'aqui até outubro, a não ser que o acaso nos leve alguma vez até ás feiras, poucochinho ou nada havemos de falar em theatros.

As festas publicas são agora d'outro genero e uma das maiores da semana que passou foi na *garage* da Rua Alexandre Herculano, onde tiveram expostos os premios do celebre concurso dos bichos, excellente ideia do nosso collega *O Seculo*.

Não deixaram de lá ir ver o automovel, e o *coupé* com uma bella parelha e cocheiro, e o sacco das libras, quantas horas e horas passaram recortando bichos, collando-os, muita vez em albuns artisticos. A festa de domingo foi brilhante e muito sympathica pelo seu fim caritativo. Illuminações, musicas, danças... e todos com uma esperança!

Todos gostam de jogar. As mulheres sobretudo que não teem para dar pasto ao vicio a mesma facilidade dos maridos. E d'ahi é muito melhor recortar no *Seculo* um bicho com a tesoira do que fazer um mico á dama ou pôr uma corôa em cheio no quatorze. Depois o automovel hade sahir por força e a dama e o quatorze podem negar-se. E do *Seculo* toda a gente diz bem e dos batoteiros toda a gente diz mal.

JOÃO DA CAMARA.

VIII Congresso Internacional de Agricultura em Vienna de Austria

No primeiro congresso internacional de agricultura, celebrado em Paris, no anno de 1889, constituiu-se uma *Commissão Internacional de Agricultura* encarregada de organisar os Congressos Internacionaes Agricolas periodicos, donde nasceram os congressos de Haya, 1891, de Bruxellas, 1895, de Budapest, 1896, de Lausanne, 1898, de Paris, 1900 e de Roma, 1903. Foi neste ultimo que um membro austriaco da Commissão Internacional de Agricultura, convidou o Congresso Internacional a reunir em Vienna, em 1905, e os membros austriacos daquella commissão, se en arregaram de obter do seu governo o auxilio necessario para realisar o congresso na capital da Au tria no praso de dois annos. Circumstancias, porém, independentes da vontade da commissão, só permittiram que elle se realisasse agora.

As nações mais cultas e até aquellas que se poderiam julgar mais afastadas do convivio da civilisação, tem manifestado seu interesse por este congresso, enviando oficialmente representantes a estas grandes assembléas, onde se discutem e estudam as ciencias agricolas que tão grande influencia teem na economia dos povos.

Portugal, porém, não se fez representar oficialmente neste congresso, o que é para lamentar, se atendermos ao muito que ali teria a aprender a sua agricultura, que diga se a verdade, em geral, está no estado pouco mais que rudimentar, em presença do extraordinario progresso atingido em outros paises, até naquelles menos aptos a culturas de certas especies, que não obstante lá triunfam.

Para que a falta, para não dizermos vergonha, não fosse completa, acudiu-lhe o sr. D. Luis de Castro, um dos mais decididos apostolos da agricultura em Portugal, tomando sobre si o encargo de representar á sua custa o seu pais naquella grande assembléa, como director da Real Associação de Agricultura Portuguêsa.

Esta prova, a um tempo, de amor pela agricultura nacional e de patriotismo, impõe-se naturalmente á consideração de seus concidadãos, e o OCCIDENTE, que não é uma revista da especialidade, mas dos acontecimentos que mais interessam o pais, regista com prazer este facto, estampando em suas paginas o retrato do sr. D. Luis de Castro, em modesta homenagem ao benemerito cidadão e talentoso professor do Instituto de Agronomia e Veterinaria.

Dissemos não ser o OCCIDENTE uma revista da especialidade, isto é, de assuntos agricolas, e assim registando apenas o facto, não pretendemos desenvolver este artigo, entrando em largas apreciações; deixamos isso ás revistas agronomicas onde tem legitimo cabimento e aqui nos limitamos a mencionar as secções em que se dividio o congresso, para conhecimento geral das questões que nelle se trataram, e a resumir o que mais curioso e util nos parece para nossos leitores.

Foram onze as secções de estudo que se subdividiram em varios grupos a saber:

1.ª secção: Economia rural (sindicatos, credito especial e hipotecario, estatistica agraria, vias de communicação e comercio nas suas relações com a agricultura e as florestas; estabelecimento internacional do preço dos produtos agricolas e florestaes; seguros agricolas).

2.ª secção: Ensino agricola e florestal; demonstrações e experiencias, comprehendendo a cultura de terrenos pantanosos.

3.ª secção: Lavoura; cultura de plantas; material e maquinas agricolas Organisação e exploração.

4.ª secção: Creação; questões veterinarias (gado, pastagens alpestres, creação do cavallo, gado miudo, avicultura, apicultura e sericultura; lacticinios).

5.ª secção: Melhoramentos agricolas e florestaes (irrigações e dessecamento do solo, regimen das aguas, operações agrarias, medidas de protecção contra as torrentes e as avalanches).

6.ª secção: Industrias agricolas e florestaes; industrias do assucar, do alcool, de fecula, do oleo, cervejaria.

7.ª secção: Proteção das plantas e das arvores frutiferas (doenças das plantas, parasitas e meios de as combater, proteção de animaes insectivoros e de animaes uteis).

8.ª secção: Economia florestal; silvicultura.

9.ª secção: Piscicultura e pesca.

10.ª secção: Viticultura e onologia.

11.ª secção: Arboricultura frutifera e cultura horticola; utilisação industrial dos frutos e dos legumes.

Era este o programa do Congresso, a respeito da abertura do qual seja-nos permitido transcrever do *Portugal Agricola* o que o sr. D. Luis de Castro escreve na sua revista bimensal:

«Na grande sala do parlamento do imperio austro-hungaro inaugurou-se no dia 21 de maio passado esta importante assembléa de estudo, de propaganda e de confraternisação. Foi a primeira vez que um Estado reconheceu de fórma tão evidente e grandiosa a importancia e o alcance d'estas reuniões periodicas, conferindo-lhe regalias parlamentares. O illustre e venerando presidente da Commissão Internacional de Agricultura, sr. Jules Méline, antigo presidente do conselho de ministros em França, não se esqueceu de accentuar enthusiasticamente este facto no discurso proferido na sessão inaugural do congresso. E na realidade, pelo valor das suas deliberações, pela seriedade do seu estudo, pela consciencia do seu trabalho, pela auctoridade official, profissional e scientifica da sua obra, pelo muito que se ensinou e se aprendeu, o congresso foi um verdadeiro parlamento agricola muito e mais do que isso. Não sei, porque a elles não assisti (a não ser ao de Paris, em 1900, que se resentiu na influencia atroadora da exposição universal), se os precedentes congressos attingiram o valor d'este, que é o oitavo da serie. Quero, porém, crer que elles têem successivamente crescido de importancia no conceito das nações, pela sua seriedade e proficuidade, para poderem alcançar n'este a consagração official e o exito notavel que lograram.

«Aberto ás 10 horas da manhã com toda a solemnidade, pelas 2 horas já funccionavam as suas numerosas secções d'estudo, todas concorridissi-

mas e que assim proseguiram diariamente em duas longas sessões, uma de manhã, ás 9 horas, (admirem se, oh! mandriões da nossa terra!) e outra ás 2 da tarde. Para cada especialidade, isto é, para cada secção, e sem prejuizo das discussões, havia organisadas visitas a estabelecimentos, a instituições, a explorações na cidade ou nos arredores, que completavam as demonstrações realisadas em sessão e facultavam aos congressistas um consideravel material d'estudo scientifico, theorico e pratico. Encerrado o congresso, com o mesmo ceremonial da abertura e com maior enthusiasmo ainda como signal de agradecimento e applauso aos organisadores, seguiram-se as excursões maiores, de uns poucos de dias, entre as quaes se salientavam uma tendo por fim especial a silvicultura e outra a agronomia: a primeira ao Tyrol, a segunda á Bohemia.

«Por esta succinta noticia já os meus leitores podem vereficar a serenidade e a proficuidade d'esta assembléa á qual todos os paizes civilisados ou aspirantes á civilisação mandaram seus delegados *officiaes*, quer dizer, pagos pelos governos para representarem as suas patrias e mostrarem a consideração que professam pela obra dos congressos internacionaes de agricultura. Muitos de esses Estados enviaram commissões em que entravam muitos rapazes agronomos, sivicultores, especialisados n'estes ou n'aquelles ramos das sciencias agricolas a fim de aproveitarem um raro ensejo de se illustrarem e de se tornarem depois mais uteis na sua terra. Assim a Belgica que parece não dever ter muito já que aprender fóra das suas fronteiras; assim a Hespanha e outros paizes.

«Portugal brilhou pela ausencia. Não teve nem commissões d'estudo, nem delegado official da especialidade, nem mesmo sequer encarregou o nosso ministro na Austria ou o nosso consul em Vienna de representar... theoricamente o paiz.

«E até a China lá tinha gente de rabicho seguindo com attenção os debates, sem falar no Japão, que não deixa escapar um ensejo, em qualquer parte do mundo e em qualquer especialidade, de mostrar que se interessa, que sabe e quer aprender mais e sempre mais. Mesmo sem ir tão longe lá estava representada a Servia, a Bulgaria, a Roumania. O governo portuguez não mandou lá ninguem! Sabe tudo que ha para saber em agricultura, não necessita de aprender nada e do convivio com outras nações agricolas nada tem a esperar. A Allemanha, a França, a Inglaterra, a Hollanda, a Suissa, a Belgica, a Dinamarca, essas sim, essas é que precisam de conselhos agronomicos. Nós, de nada carecemos agricolamente falando. E' a opinião expressa d'esta forma pelo governo da nossa terra que, ha um anno já no poder, ainda não mostrou uma unica vez sequer, interessar-se pela agricultura patria.

«Fóra da representação official das nações, inscreveram-se 2.400 congressistas, de todo o mundo, lavradores, proprietarios ruraes, negociantes agricolas, fabricantes de mercadorias para a agricultura ou da agricultura, engenheiros-agronomos e florestaes, chimicos, mechanicos, professores d'escolas ruraes de todos os graus, funccionarios etc., etc.»

E' eloquente esta sucinta discrição de como se inauguraram os trabalhos do congresso e de como os diferentes paises ali se fizeram representar.

Não cabe nos limites desta revista o relatar tudo quanto se revelou neste congresso e que tanto póde interessar nosso pais, entretanto sempre nos referiremos a uma questão que, por momentosa para Portugal, convem conhecer: a questão dos vinhos.

Hoje, ao contrario do que em Portugal se julga, a vinha está sendo cultivada em toda a Europa como em toda a America, nos dois extremos da Africa e em grande parte da Asia.

Quer nos paises de maior cultura viticula, quer nos que a não tinham, os primeiros reconstituem a vinha e os segundos fazem plantações colossaes. O vinho melhor ou peior que estas produzem, com ele se contentam, e quasi fecham os portos á importação, com direitos elevados, defendendo assim a produção propria e evitando a sahida de numerario, regra aliáz seguida em todos os paizes, em que não se olha, como em o nosso, com indiferença para este facto economico.

Ainda a respeito do vinho communica o sr. D. Luis de Castro o seguinte facto curioso, que poderá causar espanto a muita da nossa gente, e mal entendida indignação aos traficantes de vinhos que vendem ao publico verdadeiras mixordias em antros imundos, que não sabemos quem mais envergonham se os donos se os que os frequentam.

E' o caso que a camara municipal de Vienna d'Austria, cidade de cerca de dois milhões de habitantes, alugou os sub-solos do edificio monumental dos paços do concelho, para estabelecimento de restaurantes, impondo ao arrendatario a condição de só vender ao publico vinho, e mais nenhuma outra bebida alcoolica.

O vinho que ali se vende é autentico e fornecido pela camara, com preços por ella marcados, e servido ao publico em finissimos copos cristalinos, de cada feitio para cada qualidade de vinho e com indicação grafica da medida. O preço varia conforme a marca, entre 40 e 100 réis o copo, e o vinho é servido á temperatura que melhor convem para realçar suas qualidades, o que tudo torna a

A Imperatriz Izabel d'Austria

bebida atraente, devendo ainda notar se que o restaurante é devidido em varias secções para as varias categorias dos seus frequentadores, evitando promiscuidades desagradaveis.

E' realmente curiosa esta maneira dos edis de Vienna protegerem a vinicultura nacional, e o que é mais o exemplo vae sendo seguido por outros municipios a despeito da guerra dos taberneiros, feridos no seu menos licito comercio de beberragens.

A mesma camara estabeleceu lagares e adegas modelos para fabrico de vinhos.

Isto é uma simples nota, entre muitas, do que lá fóra se está fazendo em favor da agricultura.

Não menos curioso é o que o sr. D. Luis de Castro conta do que viu na Bohemia, na escursão que os congressistas fizeram áquelle pais, em geral considerado entre nós como terra de ciganos, vagabundos, aventureiros, dansando, cantando e lendo o futuro, como os da opereta *Barba Azul*.

Ha cincoenta annos assim seria, mas hoje a vida mudou completamente sob a influencia do trabalho agricola. As escolas ou institutos de ensino agricola espalham se por todo o pais, como os laboratorios, as granjas modelos, ou campos de experiencias culturaes, tudo em constante átividade, em que nobres e plebeus trabalham para o mesmo fim.

As escolas são tão teoricas como praticas, e em muitas dellas se preparam especies agricolas por conta dos lavradores particulares, para o consumo publico. Fabricam marmeladas e compotas de frutas, e tambem passam ou sécam outras, destilam ameixas, concentram mostos, e preparam bebidas especiaes, aproveitando bem toda a fruticultura.

O que isto, aliáz naturalissimo, tem de curioso para o nosso pais, é se o compararmos á quantidade incalculavel de fruta que os nossos lavradores desprezam, cahida das arvores, deitada aos suinos, pisada por mal acondicionada nos transportes para os mercados e a que apodresse ou séca nas arvores por não valer apanhala para consumo immediato que não tem.

Quantas centenas de contos perderá a fruticultura portuguesa com este desleixo, e ainda mais pela imperfeição e caristia dos seus produtos?

Por mais que queiramos limitar o assunto, não nos sofre a vontade calarmos o muito que poderiamos relatar; assim temos agora outra especialidade importante, a piscicultura que tambem oferece interesse no seguinte facto que o sr. D. Luis de Castro observou em Witingau, na Bohemia. Ali tem o principe de Schwazenberg 24:000 hectares de terras cultivadas, 60:000 de florestas e 10:000 de lagos e tanques, dos quaes 6:500 sempre com agua e os restantes que entram num afolhamento de cultura. Da piscicultura intensiva destes lagos, parece que o proprietario aufere maior rendimento do que das outras culturas, pois é consideravel a quantidade de peixe que todos os annos extrae computada em 535:000 kilos de carpas, 8:500 de *sandres* e egual peso de *brochets*, 3:300 de moreias, 3:000 de tencas, 1:000 de pencas prateadas outro tanto de bordalos e 500 de trutas communs alem das enguias.

Até aqui nada ha de extraordinario, mas se dissermos ao leitor que, para obter tão grande colheita annual de peixe, se emprega a alimentação artificial, cuidando-se da sua criação e especialmente da engorda, como entre nós se trata dos gados, principalmente do suino, é que causa admiração como nos causou a nós. Essa alimentação artificial, que é conduzida para os tanques por um canal de 43 kilometros de extenção, consta de fava, milho pisado, bagaços, sangue sêco, pó de carne, residos da cerveja e os grêllos sêcos da cevada. Com esta alimentação, aumenta consideravelmente o peso do peixe sobre o que era normal ter sem ella, e o valor que adquire compensa bem todo o trabalho e despeza com a sua cultura.

Outro assumpto importante, tanto mais quando agora, felismente, se está tratando a serio no nosso pais, no que tem melhor quinhão o sr. conde de Fontalva pelo interesse que tomou no aperfeiçoamento das raças cavalares, são os concursos hipicos, como ha dias ainda se realisou o annual, e que lá fóra merece dos poderes publicos e dos particulares os maiores disvélos.

A classificação dos sulipedes pela simples vista já não colhe e a ciencia tem estabelecido métodos e regras para a classificação rigorosa e immutavel dos exemplares apresentados aos juris. A genealogia do cavalo, as classificações dadas nos concursos regionaes, são documentos indispensaveis de garantia para as qualidades do animal. O Estado manda exercer a maior vigilancia para evitar a variação de sangues nas manadas, inquinando a sua puresa, e para que este preceito seja inteiramente observado é prohibido aos creadores particulares o possuirem cavalos procreadores de outra raça ou variedade. Com esta e outras normas se regula a produção equina e se garantem boas raças quer para os trabalhos agricolas, quer para as remontas do exercito, etc., como tambem se criam e educam magnificos exemplares para as corridas, que são outro estimulo para o aperfeiçoamento das raças, e que para os creadores ou possuidores representa capital de bom juro.

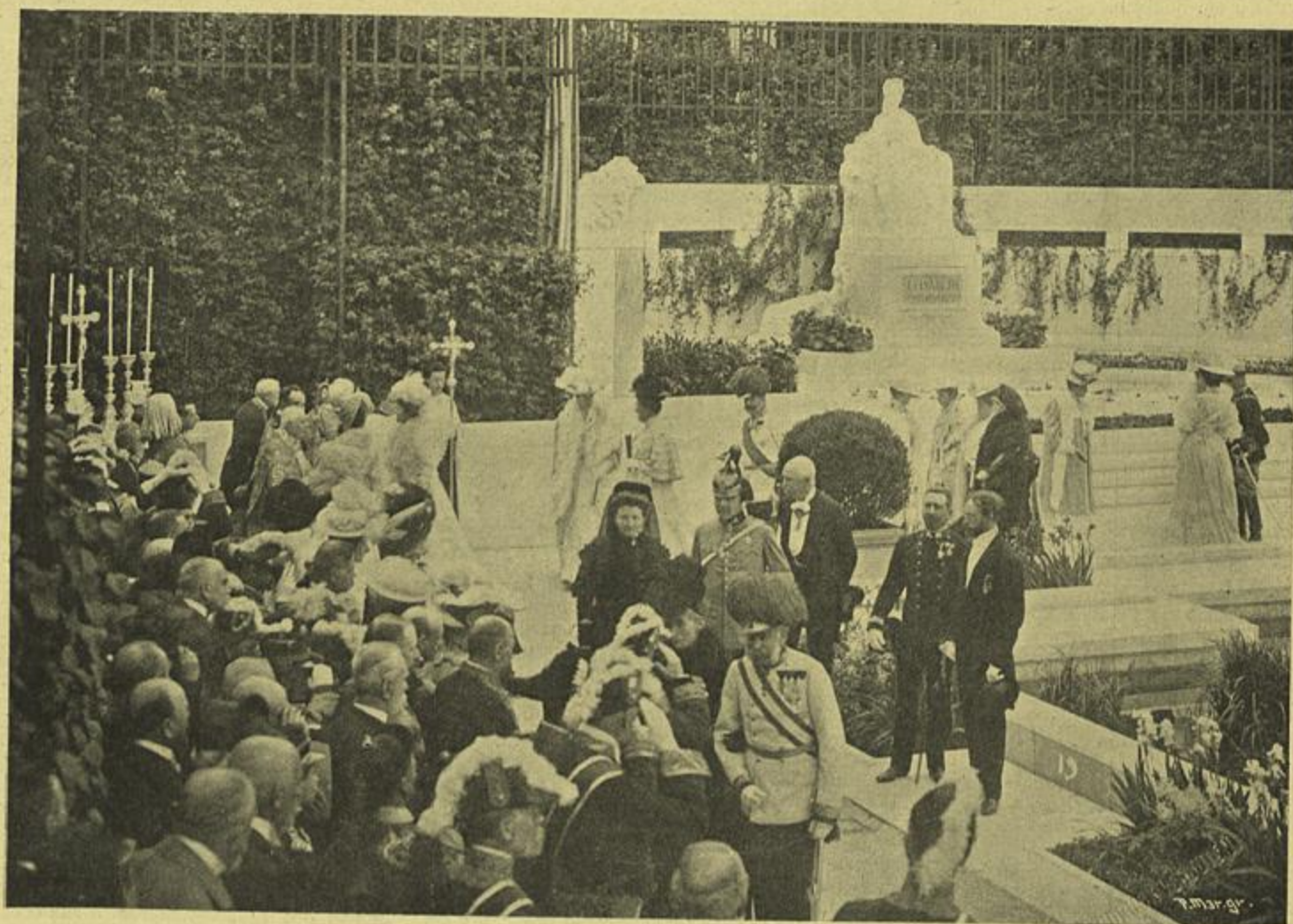
Das diversões oferecidas aos congressistas fez parte as corridas com *grand prix* realisadas em Vienna no Hipodromo de Fredenau, de que apresentamos uma gravura reprodução de fotografia.

E' sempre uma festa animada e do maior interesse, pelas apostas e pelos premios, e que em nosso pais agora começa a interessar.

Vae grande o artigo como grandes foram os trabalhos do congresso nos cinco dias em que este funcionou, não sonseguindo discutir todos os assuntos que se apresentáram á sua consideração.

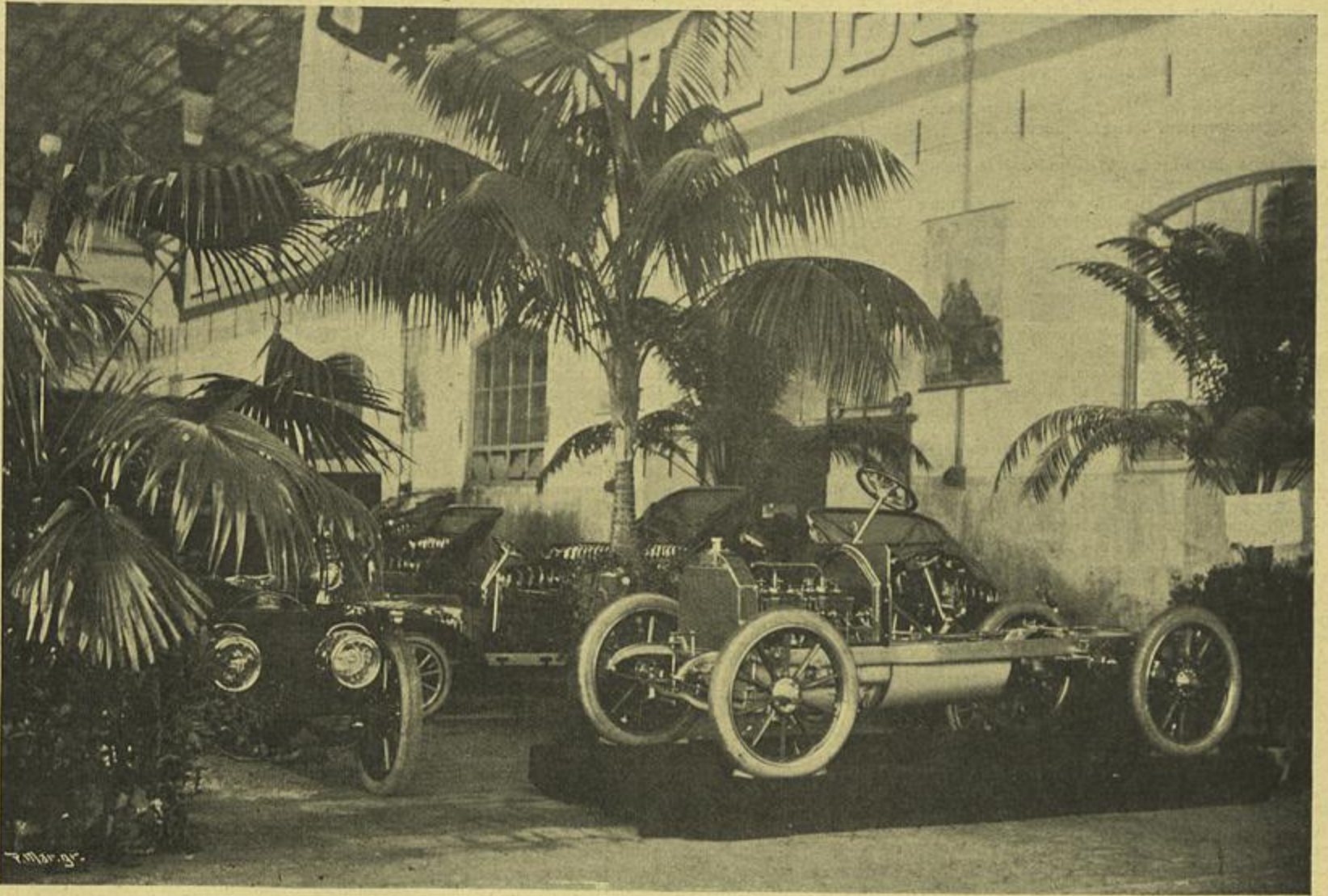
Todos os congressistas trabalharam de vontade nas suas secções, não só nas questões ali propostas como nas que vinham de congressos anteriores Nestas se conta a mecanica agricola ventilada no Congresso de Liege e que no de Vienna continuou tendo por um dos presidentes o sr. D. Luis de

1 — Moreira Marques, secretario da Legação Portuguêsa em Vienna
2 — D. José d'Almeida (Lavradio), oficial da guarda imperial.

O HIPODROMO FREDENAU, EM VIENNA, DURANTE AS CORRIDAS DO «GRAND PRIX»

O Imperador Francisco José conduzindo pelo braço
a Ex-Rainha viuva Maria das Duas Sicilias

A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO Á IMPERATRIZ ISABEL, EM VIENNA DE AUSTRIA

(Fotografias de R. Lechner)

Exposição de Automoveis Peugeot na «Garage» Beauvalet

Interior da «Garage» Beauvalet com a exposição de automoveis

Vista exterior da «Garage» Beauvalet, na Praça dos Restauradores
(De fotografias)

Castro. Nesta secção foi distribuido um relatorio impresso, elaborado pelo sr. Sousa d'Alte, intelligente e zeloso agronomo portuguêz, versando sobre: *estabelecimento de regras uniformes internacionaes para a organisação de exposições e concursos de maquinas agricolas*, trabalho que foi devidamente apreciado e mereceu a aprovação da assembléa.

Com a reunião do VIII Congresso Internacional de Agricultura em Vienna, coincidiu a

Inauguração do Monumento á Imperatriz Isabel

Constitue esta inauguração o assumpto de uma das nossas gravuras, reproduzida de uma fotografia. E' comovedora a historia desta imperatriz que em duas palavras se descreve Esposa exemplar e soberana cheia de bondade.

O seu nome ecoou um dia por todo o mundo como o da vitima innocente de um atentado monstruoso. Foi em 10 de setembro de 1898 que o punhal do assassino italiano Luccheni a prostrou á saida de um comboio em Genebra.

A desditosa princeza da Baviera, que de imperatriz só cingia a corôa, sem se envolver na politica, partilhando dos desgostos intimos que tão rude e constantemente so'ria seu marido, o imperador Francisco José, foi vitima dos inimigos da sociedade.

O sentimento foi geral e em Vienna a dôr foi incalculavel pela morte da imperatriz e pelo inorme desgosto, que mais uma vez vinha ferir o venerando imperador.

O angustiado viuvo pensou, como lenitivo á sua dôr, em levantar um monumento á memoria da esposa querida, e esse monumento, ao cabo de nove annos, foi agora inaugurado.

A cerimonia da inauguração foi tocante porque a ella assistiu, alquebrado pelos annos e pelos desgostos, o velho imperador, acompanhando-se de sua cunhada a ex-rainha viuva Maria das Duas Secilias e de toda a côrte e com a assistencia do bispo de Vienna, que presidiu ao acto religioso, o que lhe deu unção piedosa, como tambem foi evocada a poesia, nas nove virgens vestidas de branco e de cabelos soltos, que deslisaram pela frente do monumento espargindo flores aos pés da estatua.

C. A.

Exposição de Automoveis Peugeot na «Garage» Beauvalet

A primeira quinzena deste mes assinalou-se por uma exposição de automoveis Peugeot, na *garage* Beauvalet, como uma novidade para a vida do *sport* de Lisboa. A magnifica instalação desta *garage*, na praça dos Restauradores, ponto central da cidade, e a fama dos automoveis Peugeot de que ali se expunham bellos exemplares, acrescida com a exposição de um *chassis* Peugeot, tipo de 18 cavallos, tudo concorreu para atrair grande numero de visitantes a esta exposição.

O *chassis* Peugeot ali exposto, fôra admirado pelos visitantes do *Salon* de Paris, no anno passado e para figurar no qual foi expressamente construido; figurou tambem no *Salon* de Londres, de Bruxellas e de Madrid, e na Exposição de Marselha, donde veio para Lisboa, e breve vae ser exposto na Exposição Internacional de Bordeus.

Na exposição Beauvalet, figuravam alem de outros tipos de automoveis, as afamadas e inegualaveis *Voiturettes Lion Peugeot*, unicas que tem inflamação por magneto e transmissão por correntes, com dois e quatro logares, automoveis de 28 cavalos, de rara elegancia e sumptuosidade, assim como tipos de 18, 12 e 10 cavalos.

Havia tambem expostas biciclétes e motociclétes da marca Peugeot, o que tudo formava conjunto de alto interesse para os automobilistas e ciclistas, que vão sendo em grande numero, pelo desenvolvimento que estes meios de condução tem atingido modernamente em Portugal, onde ainda ha poucos annos era quasi desconhecido.

Com quanto o automobilismo tivesse seu inicio em meados do seculo XVIII, com a primeira carruagem a vapor, que ainda hoje existe no Conservatorio de Artes e Officios, de Paris, é certo que essa iniciativa renovada em tempos subsequentes com modificações e aperfeiçoamentos, quer em França, quer em Inglaterra, só entrou numa fase mais pratica em 1887, com a aplicação do petroleo e depois da gasolina ao motor Daimler, que permitiu a Peugeot construir as primeiras carruagens ligeiras, cujo resultado foi surprehendente.

Sucessivamente se foram aperfeiçoando estas vias de transporte e é de justiça dizer-se que Peugeot foi que mais se avantajou no fabrico de automoveis, não só pela sua elegancia, como pela solidês e resistencia, conseguindo ainda imprimir a estes vehiculos velocidade não excedida por nenhuns outros da mesma especie. Isto se prova pelos concursos em que os automoveis Peugeot tem entrado desde 1894 até ao presente, alcançando sempre os primeiros premios nas corridas, nos concursos de consumo, nos de rampas, etc.

Em 1900 o automobilismo era lá fóra um facto consumado e vulgarisava-se em toda a Europa; entretanto só em 1902 deu entrada positiva em Portugal, com o primeiro estabelecimento automobilista instalado pelos srs. Albert Beauvalet & C.ia numa loja do palacio Foz.

Esta primeira instalação modesta, depressa se desenvolveu, devido á competencia do sr. Beauvalet, engenheiro distinto a quem Peugeot não duvidou confiar a representação da sua fabrica e dar lhe o exclusivo da venda dos seus produtos.

Foi assim que quatro annos decorridos sobre a primeira instalação esta se alargou na elegante e espaçosa *garage* que hoje se vê na praça dos Restauradores, e que foi expressamente construida e dotada com oficinas de revisão e concertos, movidas a motor elétrico, tudo dirigido pelo engenheiro sr. Beauvalet.

A nova *garage* e oficinas foram inauguradas o anno passado, dignando-se Sua Magestade honrar essa festa com a sua presença, e para a qual tambem veio expressamente assistir o sr. Peugeot que assim quiz dar uma prova de consideração que lhe merece o distinto engenheiro sr. Beauvalet socio gerente desta casa.

A superiôridade da marca Peugeot é hoje geralmente reconhecida em Portugal, como provam as vendas realisadas até ao presente em numero de 206 automoveis de valor muito aproximado a réis 600:000$000 contos!

A Sua Magestade El-rei D. Carlos tem sido fornecido pela casa Albert Beauvalet & C.ia, cinco automoveis, um de 8 cavalos 1902, um de 10 cavalos e 2 cilindros modelo 1903, outro de 12 cavalos e 4 cilindros, 1904, o quarto de $^{18}/_{24}$ cavalos e 4 cilindros, 1905, o quinto de $^{50}/_{72}$ cavalos no anno actual. Dois para o ministerio das obras publicas de 18 e $^{18}/_{24}$ cavalos e 4 cilindros; um de 18 cavalos e 4 cilindros á Direção das Obras Publicas de Coimbra; e os restantes a particulares de Lisboa e das provincias incluindo o Porto para onde tem ido um boa parte.

A introdução do automobilismo em nosso pais é mais um elemento de progresso, com as vantagens inherentes a este meio de transporte, e que se deve ao sr. Albert Beauvalet, tão inteligente engenheiro e industrial como digno das simpatias que tem sabido conquistar na sociedade lisbonense, assentando-lhe bem a distinção que Sua Magestade El-rei se dignou conferir-lhe ha dois annos, agraciando-o com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo.

Pelas nossas provincias e ilhas

V

O problema historico da Cava de Viriato

Carta inedita do fallecido archeologo Martins Sarmento a Henrique das Neves, em que dá o seu parecer sobre este problema.

Guimarães, 25-5-93.

Ex.mo Sr.

Recebi a amavel carta de V. e juntamente o seu consciencioso trabalho e agradeço tudo muito cordealmente. Como V. diz não lhe ser indifferente a minha opinião, vou expôl-a com toda a franqueza. Não conheço *de visu* a «Cava»; conheço-a só por informações e principalmente pelas do livro de V. A primeira questão é se a «Cava» era uma povoação pre-romana, lusitanica. Parece-me que só a negativa é possivel. As povoações pre-romanas da Lusitania, e acho que de toda a peninsula, para não viajar muito, occupavam as eminencias. Creio que é uma regra sem excepção. Todos os nossos Castros e Cristellos etc. são seus representantes. Na Gallia succedia o mesmo, e os «enceintes», de que falla Al. Bertrand, não eram provavelmente outra cousa. V. advertirá que das palavras deste escriptor se não pode inferir que os seus «enceintes» ficassem nas planicies; elle mesmo os identifica com os *oppida*, d'accordo com outros archeologos franceses. A circumstancia de serem de terra os vallos destes recintos nada faz ao caso; muitos dos nossos Castros não teem outras obras de defesa. Mas, existiria na «Cava» uma dessas povoações, já da epocha da conquista, formada pela população que os Romanos obrigaram a descer dos seus ninhos d'aguia para as chãs e logares abertos? Tambem não parece. O ninho d'aguia dos antepassados dos vizienses devia ficar no Viso, como V. nota, e, se por ahi apparecem numerosos vestigios da civilisação romana, é claro que a velha povoação continuou a subsistir durante o periodo romano e o que fez foi romanisar-se, como aconteceu a todas as outras. A favor d'esta supposição está o facto de que as inscripções de Vizeu, nomeadamente a descoberta ha poucos annos, contem nomes indigenas, e a que especifiquei até contem o nome de Viriato. Ha de concluir-se que é falsa a noticia de que os Romanos obrigaram os povos dos altos a virem viver na planicie, como se conta de Cesar com relação aos Herminios e d'Augusto com relação aos Cantabros e Gallegos etc? Não; o que eu concluo é que esta medida não foi executada rigorosamente senão com respeito a um ou outro povo mais endiabrado. Como medida geral era tão violenta e desorganisadora, que naturalmente o astuto romano acabou por fazer de generoso, contentando-se com que as muralhas das formidaveis cidadellas fossem demolidas, bem como todas as obras de defesa. Só assim se explica que as cidades dos altos perdurassem no decurso da dominação romana, como é indiscutivel em vista dos signaes d'influencia romana, accusados em quasi todas as que tenho examinado, e que não são poucas. Na Citania, por exemplo encontram se moedas dos imperadores, uma de Constantino. Demais, Idacio falla-nos mais d'uma vez em Castros, nos quaes os Gallegos se faziam fortes contra os Suevos, provavelmente por nunca os terem abandonado e por haverem reconstruido as suas muralhas, bastando-lhes para isso montar a pedraria que lhes cobria os alicerces, a julgar pela Citania, onde ha ainda á vista alicerces d'altura d'um metro e mais, meio escondidos por um cordão de calhaus, provenientes de certo d'uma demolição systematica.

Parece-me pois que a famosa «Cava» nem é assento d'uma povoação pre-romana, nem d'uma povoação romanisada. A povoação lá ficou no Viso. Lá se faria qualquer obra de defesa, se o romano estivesse por isso — o que não é de crer. Formar outra na raiz do monte e ainda para mais fortificada melhor ou peior? Não creio. E se na «Cava» não apparecem vestigios nenhuns d'habitação, peior. A mais curiosa povoação que tenho visto luzo-romana é a de Bobadella: ahi não ha signal algum de circumvallação.

O que era então a mysteriosa «Cava»? *Je ne vois goute*; e, acceitando as razões, em que V. se funda para estabelecer que ha no monumento uma mão do seculo XI, que lhe fez acrescimos importantissimos, inclino-me a crer que o problema ficará insoluvel. Como destrinçar hoje o que é velho e o que é relativamente recente? Como conhecer até que ponto foi desfigurada a obra velha, para determinar o seu traçado primitivo? Se ella se tivesse conservado pura, alguma conjectura plausivel se poderia aventurar por comparação com outras. Como se não dá este caso, se os deuses antigos não accudirem com uma descoberta milagrosa, suspeito muito de que o enigma ficará sem solução.

O nome mesmo de «Cava» é um enigma. Que significa elle? Se fosse verdadeiramente antigo e remontasse ao tempo dos Romanos o significado devia ser o mesmo que o da «Cava Persis», por exemplo, uma bacia, cercada por montes, como parece ser o local onde existe a nossa circumvallação; mas então o nome não tem nada de commum com uma obra d'arte. Ainda assim bem estabelecido este ponto, que só por meio d'algum documento antigo, poderia ser devidamente estabelecido, havia 99 probabilidades contra uma, que a sua relação com o grande heroe é uma tradição segura. Mas se o nome de «Cava» já pertence á edade media e designa effectivamente a obra fortificada, a tradição é mais que suspeita. Admitia-se que as duas palavras «Cava Viriato» se petrificassem; mas uma só orça quasi pelo absurdo. Para mim é de fé que, se o nome de «Cava» não for primitivo, o de Viriato foi-lhe associado por graça e obra dos nossos antiquarios patranheiros, que *sabiam* que tal povoação fôra fundada no anno tal pelos Gallo-celtas, tal outra pelos Turdulos, etc. etc.

Bastará de massada e muito mais quando, como

V. vê, tudo isto não passa de palavriado, que espremido não dá nada.

Com toda a consideração

De V.

att.° ven. e obg.°

F. Martins Sarmento.

*

Mais uma carta, segunda e ultima. Egualmente inedita e vai no original. E' de Thomaz Ribeiro.

Esta carta não foi annunciada, pela circunstancia de que o grande poeta do *D. Jayme* não era authoridade em assumptos d'archeologia.

Dar-lhe neste terreno honras eguaes áquellas a que tinha juz, por direito de conquista, Martins Sarmento, seria pouco serio.

Thomaz Ribeiro, porém, foi na Literatura do seu tempo, artista altamente cotado; e por tal razão e não menos pelo intenso amor que o ligava á sua provincia natal, estimulando-o a ler apaixonadamente tudo o que lhe dizia respeito, conseguindo assim ter uma opinião pessoal da sua historia, por tudo tem direito ao logar que lhe damos.

Acerca da Cava, diz elle em uma nota do seu *D. Jayme*,—«escreveria uma longuissima memoria se me propozesse escrever sobre este monumento.. Aquella extensa fortaleza, circumdada de grossissimas muralhas de terra... os largos fossos que a circumvalavam... tudo isto era para volumes.»

Encerrar-nos-hemos por aqui não sómente quanto á nossa epistolografia da Cava, mas em todo o assumpto em geral.

Como que ouvimos no espaço um brado supplicante: Por Deus, basta de Cava! basta de Cava!...

H. das Neves.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

O seu estudo, cuja oferta venho agradecer-lhe, é muito interessante e muitissimo sensato.

As suas fundamentadas conjecturas, e só por conjecturas pode chegar-se, no assumpto, a uma conclusão, parecem-me acertadissimas.

A «Cava» de Viriato (o rude montanhês senhoreou naquelle paiz o presente — o seu presente — o futuro, e o *passado* tambem; — *Viriatida* — devia chamar-se a Beira); — a «Cava» de Viriato, ponto de defeza rudimentar, data certamente dos tempos da lucta de braço a braço, embora de mão armada; porém d'armas de não longo arremeço. As bordas largas e descaidas do *alguidar* mostram que a «Cava» era nesses tempos defensavel.

Fortificação primitiva, anterior, muito anterior, aos romanos aqui, perfeitamente indigena, instinctiva, deve ter sido obra dos aborigenes de quem fala Herculano, que se mantiveram nas serras, e entre as serras do Caramullo e do Herminio, (chamada essa depressão, pelos antigos: — *o seio da manta*), e se conservaram longamente extranhos a ligações de sangue com os successivos estrangeiros povoadores da peninsula.

Os muros de Vizeu, chamados tambem de Viriato, distam séculos... não ouso dizer milenios, da «Cava».

A «Cava» não é romana.

E não é de ser em logar baixo. *Castra* organisaram os romanos muita vez em logares fundos defendidos e delimitados por grandes ravinas ou por correntes impetuosas. Déz kilometros abaixo de Vizeu, a oeste de Fail, ha vestigios ignorados, mas ainda hoje incontestaveis de *Castra* romanos; é na confluencia dos rios Pavia e da Ortigueira. Em cima havia o *Castrum* que dominava e defendia este acampamento. Ainda hoje se chama, em cima, Castelfo, e — Crastro — ao acampamento inferior.

Deixe-me agora dizer a V. que Vizeu, que mostra hoje a V. a sua face agradavel e risonha era tristonha, e pouco atrahente, quando eu comecei a visital-o — 1846.— O que tem de bonito hoje, em ruas novas e construcções novissimas, deve-se ás obras publicas e data apenas de 20 annos ou pouco mais. E desde então aproximadamente as camaras municipaes começaram de trabalhar louvavelmente nos melhoramentos publicos.

Exceptuemos a construção do magnifico Hospital da Misericordia.

... Como eu me esquecia de ser discreto fazendo curta a minha primeira visita a V. !

Desculpe a minha distração e creia que sou de V.

admirador por tributo e amigo se m'o consente, por sympatia e gratidão,

Thomaz Ribeiro.

Carnaxide, 2 de maio de 1893.

O MEZ METEOROLOGICO

Junho de 1907

Barometro. — Maxima altura 769^mm,5 em 13.
» — Minima » 759^mm,9 em 8.

A altura barometrica média é superior ao normal.

Thermometro. — Maxima altura 32°,7, em 15.
» — Minima » 12°,3 em 13.

Durante o mez, houve 3 dias de maximas superiores o 30°: Em 14, 30°,7; em 15 e 16, 31°,8.

As minimas, á excepção dos dias 15 a 18, foram fracas, e oscillaram entre 12,°3, em 13 e 17°,0 em 18. De 22 a 30, a mais alta minima foi de 15°,8 em 24 e 26.

A temperatura média mais baixa foi de 16°,03 em 12, inferior á variavel, e a do dia 13, foi de 16°,06.

Chuva. — Em 2 dias, em 1 e 30, altura 1^mm,6.

Nebulosidade. — Ceu limpo ou pouco nublado 17 dias.
» — » Nublado 13 dias.

Vento dominante. — N. Fresco.

HORAS DE LEITURA

(a proposito das «Bocas do Mundo», de Severo Portella)

Edição da Livraria Central de Gomes de Carvalho

«Emquanto o aumento de soldo empresta fulgores ás espadas, a fome envolve em luto as enchadas dos cavadores. Geradas pelo mesmo aço, feitas para o serviço da patria comum, ao passo

Severo Portella

que as espadas se perfilam faiscantes, as enchadas abatem se vencidas.»

Quando cheguei aqui na leitura do novo livro de Severo Portela — *Bocas do Mundo* — andava eu no fundo d'uma encosta, vagabundeando á tôa no meu costumado giro por vales e montanhas.

Em minha frente desdobravam-se os campos verdejantes, até onde a vista os alcansava, sob a luz quasi torrida d'esse dia de junho, abafadiço e languido.

Suspendi a leitura e puz me a olhar atentamente. Por toda a parte grupos de cavadores embarreados revolviam a terra, ao tinir das enchadas, que despediam chispas de lume ao dar nas pedras e fulgurações metalicas ao serem feridas pelos raios do sol esbrasiante. Movidas com vigor e com ancia pelos rudes braços, cabeludos e terrosos, num esforso brutal d'agonia desfeita, essas enchadas eram bem aquelas a que se referia o escritor e o artista nessa pagina fulgurante e grandiosa, mais que nenhuma outra do seu belo trabalho de observação e de justiça.

Ah! como eu senti e vivi intensamente essas linhas tão sugestionantes e tão cheias da forte realidade da vida embora mais cheias ainda da triste realidade do povo!

«Cavador, derrete ao fogo a tua enchada e converte-a sem demora num punhal... Estinguiu-se o lume da tua lareira, desapareceu o pão da tua meza, a ruina entrou com o teu casebre, broca a variola a carne de teus filhos... Ensinou-te a sorte a resignação, reclamou a terra o teu suor, exigiu-te a lei o seu tributo — e, ao fim, obedecendo sempre, enfrentas com a desventura... Da tua labuta ao sol, ao vento, á neve irrompeu a seara, brutou a uva e, quando esperavas que o ceu e o homem se desentranhassem em bençãos, vês no teu lar penetrar a miseria. De quem é a culpa? Foste cristão em teu calado, humilhado sofrer, não maldisseste o rico quando acurvado no teu trabalho, do fundo da tua alma acreditaste ter um quinhão de felicidade no momento em que ele descesse á terra e premiasse os que com sinceridade combatem .. Só tu és culpádo, só tu .. Lavrador, faze da tua enchada um punhal e vara com ele teu coração!...»

Quando de novo suspendi a leitura, uma visão estranha passou ante meus olhos.

Vi esses cavadores erguidos á mesma voz, suspenderem tambem os seus trabalhos e marcharem em linha, d'enchadas altas, não para cavarem mais fundo a brava terra que os estoira, mas para cortarem a cadeia que os liga á terra escrava, arrasando juntamente aqueles que cavaram o abismo que os separa da liberdade e do direito.

Armas de paz, de cordealidade e de abundancia, essas enchadas vi as eu, num momento, transformadas em gladios, avançando fulgurantes, ao ritmo d'esses gritos de colera formidavel que tem feito todas as revoluções e sancionado todas as liberdades.

Mas, ai de mim e ai d'eles — a visão apagou se e eu apenas continuei vendo muitas desenas de braços descarnados, agitando-se no ar, com pesadas enchadas que os despedaçavam e os matavam, deshumanamente, nas 14 horas de trabalho bruto, que eles aguentam em cada dia.

E recolhi a casa pensando, contristado, no novo brilho que as espadas terão, graças a esse revolutear de braços e de enchadas, movidas por creaturas sem ideias, homens despidos de tudo o que torna a vida grande, a vida harmonica e fecunda. Brilho que continuarão a ter, pelo menos emquanto por aqui não passar esse vento formidavel que levou os camponezes da edade media e mais modernamente ainda, os francezes da revolução, a negarem o seu concurso a mais esplorações, abolindo a tirania na execução dos seus tiranos.

«Cavador, derrete ao fogo a tua enxada e converte a sem demora n'um punhal. Para assassinares alguem?»

— Não: transforma-a embora n'um punhal ou aguça-a simplesmente, mas para te defenderes dos que te matam, conquistando emfim essa terra pesada que tu volves e tens ganho cem vezes por teu trabalho improbo e mal pago.

E não atendas aquella voz que ha sempre, nesses casos, gritando — não destruas! Porque em realidade começarás então edificando a tua obra de redenção e paz — a obra da solidariedade universal.

Thomaz da Fonseca.

AIDA GONZAGA

Eis uma artista que o publico de Lisboa teve ocasião de apreciar ultimamente no Coliseu dos Recreios, na companhia de opera lirica da epoca que terminou agora.

O nome de Aida Gonzaga vinha celebrado dos teatros estrangeiros como o de um soprano ligeiro de primeira ordem, e no Coliseu se evidenciou nas operas *Sonambula* e *Barbeiro de Sevilha*.

Aida Gonzaga

Aida Gonzaga, posto nascesse em Italia, tem o seu tanto de portuguêsa, pois que em Lisboa passou sua infancia e recebeu lições de canto do velho Velane que a teve por uma das suas mais distintas discipulas.

Depois fez sua carreira artistica lá fóra e aparecendo agora em Lisboa, contratada pelo infatigavel empresario do Coliseu, foi aplaudida pelo publico, como artista de alto merecimento, tanto pela sua bella voz de suprano ligeiro como pelos seus dotes de actriz.